

A dimensão política e estratégica da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial

Fernando Luiz Velasco Gomes*

Antecedentes – o caminho para a guerra

Comemoraram-se, no ano de 2020, 75 anos do término da Segunda Guerra Mundial (II GM), tendo sido o maior conflito bélico de todos os tempos. Foi uma guerra em que houve operações que se iniciaram com o uso de cavalos e lanças, durante a invasão da Polônia, em 1939, e terminaram com a explosão de dois artefatos nucleares, no Japão em 1945, iniciando a Era Atômica.

Esse conflito se desenvolveu em escala global, abrangendo, direta ou indiretamente, quase todos os continentes e oceanos do globo, com vários teatros de operações (TO), constituindo-se, verdadeiramente, em uma guerra da Era Industrial, com danos materiais e humanos em escalas inimagináveis, entremeada por ideologias irreconciliáveis, migrações e campos de extermínio.

O Brasil não foi poupado dessa catástrofe, optando por declarar guerra às potências do Eixo (Alemanha, Itália e Japão), constituindo a Força Expedicionária Brasileira (FEB), o Grupo de Aviação de Caça, a Esquadilha de Ligação e Observação e tendo a Marinha do Brasil integrada à IV Frota Americana no Atlântico Sul, cujo quartel-general se encontrava em Recife.

No que se refere à participação da FEB, cabe destacar que nossos soldados tiveram que lutar sob uma nova doutrina, combatendo em terreno montanhoso e em localidades, enfrentando temperaturas negativas, e, em certa medida, desacreditados por segmentos da própria sociedade brasileira, sendo a última experiência do Exército Brasileiro em guerra convencional, demonstrando o excepcional valor do homem brasileiro em campanha.

Para se entenderem, porém, as causas remotas e imediatas desse conflito, faz-se necessário remeter-se ao término da Primeira Guerra Mundial (I GM) e ao período que se seguiu até o ano de 1939, o “Entregueras”, que, segundo Edward H. Carr, em sua obra *Vinte Anos de Crise* (1919-1939), foi o prelúdio da II GM.

A construção da paz em Versalhes, a partir de 1920, não se mostrou eficaz, pois os vencidos ficaram incapazes de adotar outras opções, distintas da velha postura revanchista presente nas causas da Grande Guerra (1914-1918). Surgiram regimes totalitários, a exemplo do comunismo, do fascismo e do nazismo, eivados por um nacionalismo exacerbado, um ateísmo visceral e um desprezo aos valores humanistas. Dessarte, a crise de 1929, que abalou as estruturas do mundo capitalista das democracias liberais, imobilizou as opções democráticas às nações, notadamente aquelas asfixiadas pelas responsabilidades impostas pelos vencedores da

* Cel Art (AMAN/1985, EsAO/1993, ECEME/2005, CPEAEx/2011). Pós-graduado em História Militar Brasileira pela UNIRIO/2017. Atualmente, é instrutor da ECEME.

I GM, ou assoladas pelo colonialismo e pelo subdesenvolvimento.

A década de 1920, no Brasil, foi repleta de motivações e movimentos que levaram o país a uma mudança de rumos, a começar pela Semana de Arte Moderna, durante a qual os intelectuais brasileiros desejavam demonstrar que a nação carecia de uma direção cultural própria a ser tomada, em uma época de mudanças.

Paralelo a esse movimento, a jovem oficialidade das Forças Armadas arvorou-se semelhante aos “Jovens Turcos”¹ para mudar o país, o que foi precipitado pelas últimas administrações oligárquicas da Primeira República, associado à Quebra da Bolsa de Nova York, conduzindo o Brasil ao ambiente revolucionário de cunho autoritário, semelhante ao itinerário ideológico trilhado por várias nações do mundo à época.

Muitos desses oficiais do “Movimento Tenentista”² viriam a participar da II GM, com atuações importantes na estratégia e política nacionais, quando estas se afinaram com o mundo ocidental do pós-guerra.

Tais tendências autoritárias não ficaram restritas ao continente europeu ocidental, grassando no Leste Europeu, Ásia, América e África: quase todo o mundo soçobrou a uma ou outra forma de despotismo, tendo a democracia declinado no Ocidente, de acordo com as circunstâncias e o momento de cada nação.

Contendas próprias do regionalismo político brasileiro puseram fim a acordos e acertos partidários, aprofundando cisões entre as elites nacionais, somadas à Crise de 1929, conduzindo o país à ruptura institucional de 1930, mudando o rumo da política no Brasil, introduzindo-o, de fato, no século XX. O Brasil passou a ter um regime com semelhanças importantes com os regimes autoritários em voga no mundo, fruto da conjuntura do Entreguerras (1919-1939).

A ascensão de Hitler ao poder na Alemanha, em 1933, implementou a expansão alemã pela Europa em busca de seu Espaço Vital (*Lebensraum*), fomentando um desenvolvimento bélico sem precedentes, notadamente quanto ao emprego em campanha de grande mobilidade das forças armadas (*Blitzkrieg*), com a concorrência da valorização do conceito da superioridade étnica (pangermanismo) e de uma aversão fígadal ao comunismo, ao liberalismo e à democracia.

Ao mesmo tempo, no Brasil, o Movimento Comunista Internacional, por intermédio de um dos integrantes do tenentismo, Luís Carlos Prestes, articulou um golpe semelhante ao que ocorrera em Petrogrado, comprovando que uma das opções para a solução de problemas oriundos das décadas de 1920 e 1930 seria a via autoritária. Dessa feita, o país, e em especial o Exército, foi alvo da Intentona Comunista de 1935, uma ação que marcou de forma indelével a percepção das Forças Armadas e da sociedade brasileira como um todo a respeito dos extremismos ideológicos.

Ao extremismo dos movimentos de esquerda contrapôs-se o da direita, a exemplo da Ação Integralista Brasileira (AIB). Esse movimento, germanófilo e com alguma afinidade com o desenho ideológico de Mussolini, prosperou no seio da sociedade nacional, tendo-se constituído no maior partido de massa brasileiro na década de 1930, obstando que o Brasil pendesse para a defesa dos interesses hemisféricos capitaneados pelos Estados Unidos da América (EUA). Não faltou a esse movimento uma intenção de tomada de poder, tal qual a perpetrada pela esquerda em 1935, conduzindo, dentro dos palácios do Catete e da Guanabara, a Intentona Integralista de 1938, levando o governo Vargas ao endurecido Estado Novo, este oscilante entre o apoio aos Aliados ou ao Eixo.

Na Europa, por pragmatismo ou por temor ao enfrentamento contra o poderio militar alemão, as lideranças democráticas, notadamente da Inglaterra durante a gestão Chamberlain, permitiram que Hitler levasse ao extremo suas ambições políticas e militares. O ponto de ruptura dessa política de apaziguamento deu-se em 1º de setembro de 1939, com a invasão da Polônia, dando início à II GM.

As hostilidades ocorreram limitando-se à chamada *Sistkrieg* – guerra de mentira. Os combates restringiram-se, em grande medida, à guerra submarina, às ações aéreas contra bases militares e aos esporádicos combates entre navios de guerra. Mesmo assim, a Alemanha desferiu golpes contundentes contra a Noruega, a Dinamarca, a Bélgica, a Holanda e a França, derrotando-as uma após outra.

O Brasil seguiu, porém, sua política de neutralidade, aos moldes do início da I GM, embora os conten-

dores desrespeitassem, a todo momento, essa postura neutral dos países americanos. Esse foi o caso da caça ao cruzador-encouraçado alemão *Admiral Graf Spee* em águas territoriais do Uruguai e o do cargueiro alemão *Wakama*, afundado por sua tripulação, quando ia ser atacado por uma belonave inglesa em águas brasileiras. Situações similares ocorriam com a utilização do “direito de visita” por navios de guerra ingleses sobre navios mercantes brasileiros. A todo momento, portanto, a postura de neutralidade do Brasil sofreu fortes pressões.

Essa atitude dos beligerantes em relação à neutralidade da América provocou a II Reunião de Chanceleres, em Havana, no ano de 1940, da qual resultou o princípio de que um ato de hostilidade a um país americano se estenderia aos demais, sendo o Brasil simpático a essa tese. Demonstra-se, pois, dessa forma, a inclinação natural do Brasil à defesa hemisférica ocidental. Assim, diante do ataque japonês à base americana de Pearl Harbor, no Havaí, em 7 de dezembro de 1941, o governo brasileiro prontificou-se em solidarizar-se com os EUA, rompendo relações diplomáticas e econômicas com os países do Eixo.

Na esteira desses acontecimentos, pôs-se em curso a estratégia alemã baseada na sua força de submarinos, visando paralisar as rotas marítimas de comunicações e comércio que abasteciam os Aliados, contabilizando um número expressivo de embarcações afundadas e vítimas fatais. Tal conjuntura conduziu o Brasil a um posicionamento pró-Aliados, aderindo à Carta do Atlântico, em 2 de setembro de 1940, reconhecendo a existência do “estado de beligerância”, em 24 de agosto de 1942, seguindo-se a declaração do “estado de guerra” em 31 de agosto de 1942.

O Brasil em guerra

As dificuldades que o Brasil enfrentou com a preparação para a guerra passaram pela mudança da doutrina militar, da francesa para a americana, bem como outras transformações no nível estrutural do país. Nesse mister, destacam-se a criação da Coordenação de Mobilização Econômica e da Comissão de Defesa Brasil-Estados Unidos para o estudo da ação das forças norte-americanas e brasileiras, concluindo pela necessidade de um comando único para as operações aeronavais no Atlântico Sul.

Com a finalidade de consolidar esses entendimentos, registrou-se o encontro histórico do presidente dos EUA, Franklin Roosevelt, com o mandatário brasileiro, Getúlio Vargas, na cidade de Natal, em fevereiro de 1943. Tal evento viria a sinalizar a dimensão política da opção tomada pelo país ao ombrear com os Aliados, além da importância estratégica do Saliente Nordeste, mais tarde batizado de Trampolim da Vitória.

A nova postura brasileira proporcionaria aos Aliados recursos naturais de vital importância estratégica, associados ao deslocamento para a Amazônia de um número considerável de migrantes nordestinos, os *Soldados da Borracha*, contribuindo também para a ocupação de um importante anecúmeno nacional.

Coube à Marinha do Brasil desempenhar um papel relevante na Batalha do Atlântico, pois a posição geopolítica e geoestratégica do litoral do país, debruçado sobre o Atlântico Sul e em sua “Cintura Atlântica” de Natal a Dakar, clamou por uma responsabilidade definitiva dessa força. Logrou-se, assim, projetar o interesse nacional sobre um espaço oceânico consubstanciado em uma das áreas do atual Entorno Estratégico Brasileiro: o Atlântico Sul.

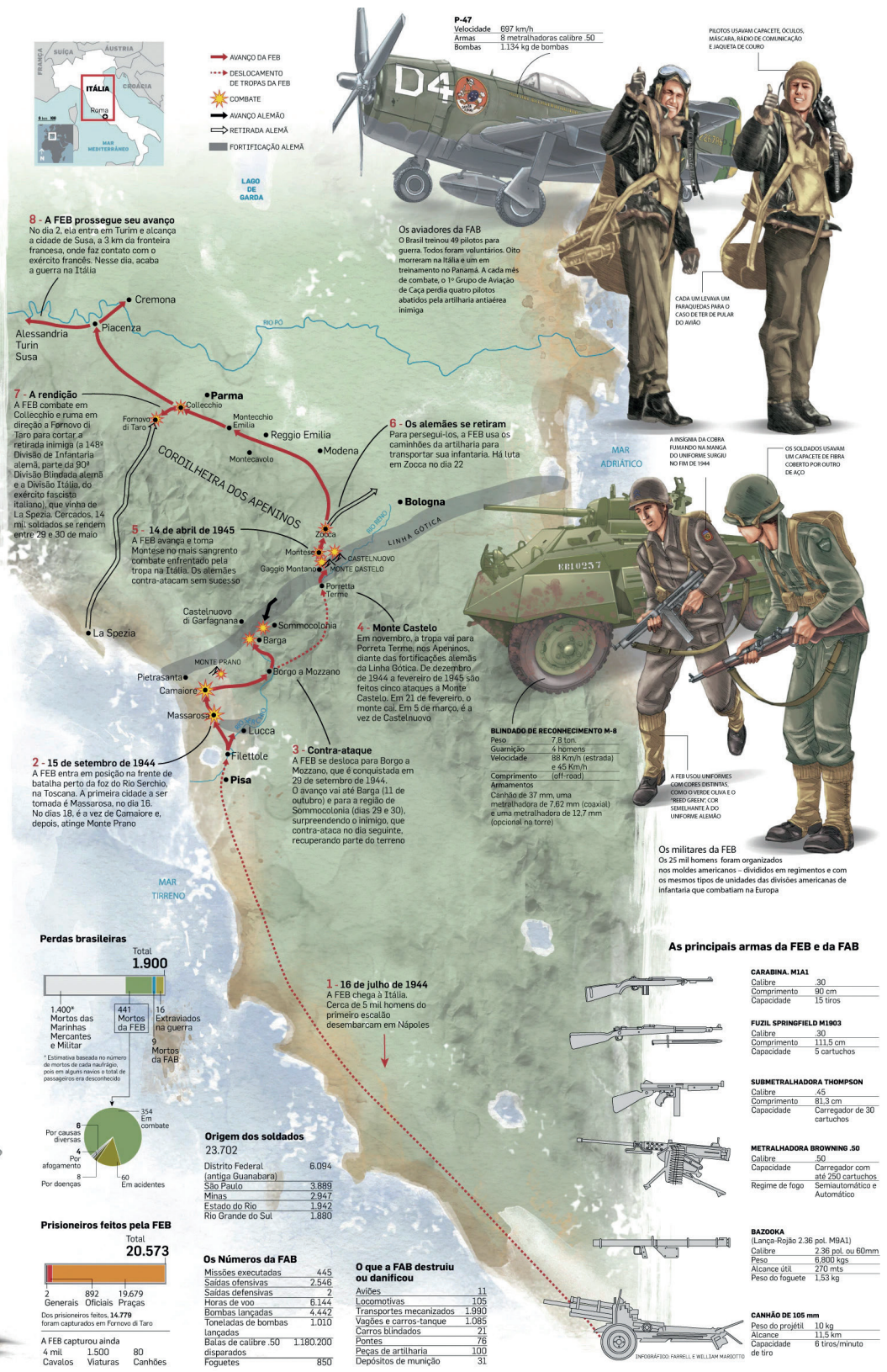


Figura 1 – A preparação do Brasil para a Segunda Guerra Mundial
Fonte: FGV, 2016

Preparado o Brasil para a guerra, despachou-se para a Itália a FEB, escoltada por comboios da nossa Marinha. No desenrolar dos acontecimentos, foi criado o Ministério da Aeronáutica, em 1941, preparando e adestrando o pessoal na Escola de Aeronáutica no Campo dos Afonsos. Por intermédio do processo do *lend-lease*,³ foram fornecidos pelos EUA mais de trezentas aeronaves de treinamento, caças e bombardeiros, tornando a Força Aérea Brasileira (FAB) um vetor de projeção de poder diferenciado no subcontinente sul-americano.

O preparo e o adestramento da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIEx) ficaram sob a responsabilidade do general Mascarenhas de Moraes, nomeado seu comandante em 28 de dezembro de 1944, por intermédio da mobilização de elementos da 1ª, 2ª e 4ª Regiões Militares e concentrados no Rio de Janeiro.

Ao final de maio de 1944, a FEB encontrava-se aprestada para o embarque, a despeito da postura dos incrédulos, que diziam “ser mais fácil uma cobra fumar do que a 1ª DIEx embarcar”. Tal fato seria o motivador maior da adoção, pela FEB, de seu símbolo característico, a serpente fumando.



Figura 2 – O Brasil na campanha da Itália
Fonte: FGV, 2016

Assim, às 14h22min do dia 16 de setembro de 1944, a FEB entrou em ação com o primeiro tiro de artilharia no Monte Bastione, localizado ao norte da cidade de Luca, na Toscana, atingindo com precisão seu alvo, assinalado em Massarosa. Não sem motivo, essa elevação empresta o seu nome como designação histórica ao 21º Grupo de Artilharia de Campanha, tradicional unidade de nosso Exército. Na sequência das operações, antes da chegada do inverno, a FEB conseguiu desalojar as forças inimigas localizadas ao longo de Porreta Terme, importante eixo de transporte para Bolonha, prosseguindo na conquista das localidades do vale do rio Serchio, tomando Fornaci no dia 6 de outubro, encerrando suas atividades nessa área em 31 de outubro de 1944, libertando cerca de 60 cidades italianas.

Novos escalões da FEB chegaram e estacionaram em Pisa, contribuindo para a tomada definitiva de Porreta Terme. No dia 21 de novembro, começou o ataque a Monte Belvedere e a Monte Castelo. O inverno já começava a se manifestar, exigindo uma ação rápida. Em 12 de dezembro de 1944, portanto, o 1º Regimento de Infantaria (1º RI) e outras unidades prosseguiram no combate sem sucesso. O comando aliado decidiu, em 30 de dezembro, suspender as operações ofensivas, passando à defensiva, cabendo à FEB a missão da manutenção de uma linha do rio Reno, a fim de evitar que o inimigo ocupasse a rodovia de Porreta Terme a Bolonha. Durante o inverno, várias missões de patrulha foram desencadeadas pelas linhas alemãs, e, segundo Frota (2000):

Os nossos soldados passaram momentos difíceis em virtude do ambiente de guerra, dos perigos adrede preparados e do frio intenso (menos 18 °C) não bem conhecido pelos brasileiros. Representou uma escola prática aos nossos “pracinhas”, que, aplicando o “jeito” bem brasileiro, adaptaram-se às circunstâncias, transformando-se de bisonhos habitantes dos trópicos em autênticos veteranos à altura da importância da missão que lhes era imputada. (FROTA, 2000, p. 652)

A primavera deu lugar ao inverno com uma campanha ofensiva, que visava desalojar os alemães das alturas dos Apeninos para conquistar Bolonha e recalculá-los na direção do Passo Brenner, importante região de passagem nos Alpes. Nessa oportunidade, os plane-

jamentos da 1ª DIEx tiveram a assinatura do tenente-coronel Castello Branco, liderança organizacional do Exército e futura liderança estratégica da nação, demonstrando o celeiro de líderes produzidos pela FEB durante o conflito.

Seguiram-se as contundentes vitórias da FEB na Itália, com destaque para Monte Castelo, Montese e a rendição da 148ª Divisão de Infantaria alemã, em Foronovo. A esse episódio, referiu-se o general Mark Clark, comandante do 5º Exército Americano, que enquadrava a FEB na Itália, como um “magnífico final de uma atuação magnífica”. Combatendo em solo europeu, os militares brasileiros tiveram a oportunidade de aprofundar a noção de pertencimento ao mundo ocidental, conhecendo o legado cultural disponível em solo italiano.

Tais situações tiveram, como primeiro objetivo, amenizar as agruras do combate e, também, proporcionar a vivência e o contato com museus, sítios e monumentos históricos e obras de arte, conforme se lê no trabalho de César Campiani Maximiano, *Sul do Norte ou Norte do Sul? Ideologias e inflexões na cultura estratégica brasileira*. Pode-se constatar, desta feita, um processo de aculturação por parte dos combatentes que se encontravam em plena sintonia, na coesão com outras forças aliadas.

Egressos de um conflito em que a noção de pertencimento à comunidade cultural ocidental foi amplamente consolidada, os veteranos brasileiros tiveram papel fundamental na elaboração de políticas que, durante a Guerra Fria, definiram o posicionamento do país no que diz respeito às relações internacionais. (MAXIMIANO, 2014)

O retorno da FEB e da democracia

De volta da guerra, os militares brasileiros que participaram do conflito, nos seus diversos postos e graduações, viriam a contribuir para a consolidação da opção estratégica adotada em prol da defesa do hemisfério ocidental. Registram-se exemplos de atuações inconteste, desde o seu comandante, o marechal Mascarenhas de Moraes, passando por Castello Branco, Cor-

deiro de Farias, Elza Cansação e Frei Orlando, além dos feitos emblemáticos protagonizados pelo aspirante Mega e pelo sargento Max Wolf Filho, e de outras atuações anônimas.

À medida que os Aliados conseguiam suas vitórias contra os países o Eixo, o governo Vargas e o Estado Novo tornavam-se enfraquecidos, já se notando a adoção de mudanças em sua narrativa. A sociedade brasileira, movida pelo sucesso da FEB contra o nazifascismo, saboreou uma onda de democracia, que logo viria a contagiar o país, descortinando-se uma nova solução política para o Brasil, o que desembocaria no fim do Estado Novo.

O alinhamento natural do governo Dutra com o Ocidente, em especial com os EUA, foi facilitado, em certa medida, pelo excelente trânsito de militares brasileiros em estágios nos Estados Unidos, durante e após a II GM. Essa opção estratégica contribuiu, sobremaneira e adicionalmente, para a importante atuação brasileira na gênese da Organização das Nações Unidas (ONU).

Embora o Brasil tenha tido uma participação importante na Campanha da Itália, no que se refere aos aspectos operacionais, e tenha contribuído de forma geoestratégica com a alocação de bases militares no Saliente Nordeste, possibilitando uma projeção de poder sobre o Atlântico Sul, aliado aos recursos naturais fornecidos para o esforço de guerra, não foi o país aquinhado com o *status* de parceiro de primeira linha pelas potências aliadas.

Esse viés de coadjuvante era justificado por parte das lideranças aliadas, pois o Brasil, apesar do seu gigantismo e potencial, ficava prejudicado pela realidade de seu perfil militar acanhado, limitada expressão econômica e pela fragilidade de suas instituições.

Mesmo assim, no contexto da Guerra Fria, o Brasil assinou com os EUA o Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (TIAR) em 1947, ativando as relações panamericanas e contribuindo sobrejamente para a criação da Organização dos Estados Americanos em 1951, outra consequência de sua opção política e estratégica pró-Ocidente, construída pela FEB na Europa.

Em agosto de 1949, foi criada a Escola Superior de Guerra (ESG), com a missão de constituir-se em um

centro permanente de pesquisa e de debates dos problemas brasileiros, contando com importantes participações de militares provenientes da FEB.

Assim, construiu-se o conceito de *segurança e desenvolvimento*, que tanto marcou a evolução do Brasil, moldado nas premissas do National War College, demonstrando, mais uma vez, a opção estratégica brasileira pela defesa do hemisfério ocidental.

O retorno de Getúlio ao poder se fez por via democrática, no início da década de 1950, demonstrando que o Brasil não se afastou da opção pela democracia e pela defesa dos valores ocidentais, o que se pode constatar, na sequência, com a assinatura do Acordo Militar Brasil-Estados Unidos, em 1952, já no clima da Guerra Fria. Essa situação condicionou posturas no meio militar a respeito do comportamento do Brasil no contexto histórico que se seguiu, muito influenciado por militares que tiveram participação na FEB.

Por ocasião da Crise do Canal de Suez, em 1956, o Brasil, chamado pela ONU, constituiu os sucessivos contingentes do Batalhão Suez, até o ano de 1967, com a participação de expressivo efetivo de “febianos”, muitos deles também tendo atuado na República Dominicana em 1965, a exemplo do próprio general Meira Mattos.

Seguiu-se a crise do governo Vargas, na década de 1950, com a participação de importantes segmentos do meio militar, muitos dos quais com experiência na FEB. Com a ascensão de Juscelino Kubitschek à Presidência da República, o país continuou perseguindo a estratégia de ajustar-se ao neocapitalismo ocidental no escopo das tendências da Doutrina Truman.

Em 1954, o general Castello Branco assumiu o comando da Escola de Estado-Maior, rebatizando-a de Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), fruto de suas experiências nas áreas do ensino, pesquisa e doutrina, bem como de sua vivência na FEB, fazendo da escola um verdadeiro centro de pesquisas doutrinárias e de formação de lideranças.

Em 1960, segundo Maximiano em seu artigo *Sul do Norte ou Norte do Sul? Ideologia e inflexões na cultura estratégica brasileira*:

O tenente-coronel Meira Mattos avaliava os valores tradicionais que aninhavam quatro sementeiras de nossa formação histórico-cultural – latinidade, lusitanismo, cristianismo e democracia representativa –, afirmando que “o Brasil era conduzido para o Ocidente e que procurar fora dessa linha de destinação política seria, para o país, um rompimento violento com as origens étnicas, religiosas, culturais e sentimentais”. É possível que essa convicção de Meira Mattos tenha sido consolidada, em larga medida, a partir de sua experiência na FEB. (MAXIMIANO, 2014)

Mais uma vez a liderança de um “febiano”, como a de Castello Branco, viria a contribuir para que a nação brasileira, à beira de uma convulsão, fizesse a opção definitiva pelos valores ocidentais em meio à Guerra Fria. Postando-se à frente do Movimento Cívico-Militar em 31 de março de 1964, Castello foi escolhido presidente da República, pelo Congresso Nacional, em 11 de abril, assumindo a liderança da nação quatro dias mais tarde.

Os governos dos presidentes militares que se seguiram, de 1964 a 1985, adotou um viés de manutenção da relação institucional referente aos valores ocidentais, muitos dos quais foram cimentados durante a II GM. Em boa parte desse período, todavia, a Política Externa Brasileira (PEB) apresentou um perfil de autonomia e pragmatismo, bem como na própria política interna, com a opção pelo estatismo econômico, que passou a ser interpretada como um afastamento do ideário do liberalismo econômico.

Conclusão

No período dos governos militares e até mesmo posteriormente, muitos integrantes da FEB, nos diversos ramos de atividades, puderam contribuir para a cristalização do sentimento de pertencimento ao mundo ocidental. Ademais das raízes históricas, étnicas e culturais do país, a opção política e estratégica adotada em prol dos Aliados durante a II GM, assimilada por nossos homens e mulheres no teatro de operações europeu e no Atlântico Sul, reforça tal assertiva. Isso

pode ser demonstrado, no que se refere às tradições do país, no posicionamento de Golbery do Couto e Silva, integrante da FEB, na obra *Geopolítica do Brasil*, em que se lê:

O Brasil é também uma nação que, pela sua origem cristã e os valores democráticos e liberais que substanciam a cultura ainda em germe nesta fronteira em expansão, integra o mundo do Ocidente. (SILVA, 1967, p. 170)

Essa posição é possível constatar em Maximiano (2014), que diz o seguinte:

Castello Branco e Golbery pronunciavam-se não somente ecoando o alinhamento brasileiro contextualizado pelo momento político internacional, mas, acima de tudo, por suas crenças pessoais, fortemente arraigadas em sua geração e endossadas pela tradição que buscava amoldar o país à civilização ocidental. (MAXIMIANO, 2014)

Pode-se também inferir que as motivações que conduziram o país a enviar uma força expedicionária para a Europa tiveram causas as mais diversas, muitas delas ligadas às nossas tradições. Não resta dúvida, porém, de que os ataques perpetrados contra as embarcações brasileiras, provocando danos materiais e humanos consideráveis, não deixaram espaço para uma solução diplomática, cabendo uma ação militar em conjunto com os Aliados, levando o Brasil a declarar guerra aos países do Eixo.

A cultura brasileira já estava intimamente ligada à cultura ocidental, mesmo antes do conflito, sendo aprofundada tal ligação no contato direto dos militares da FEB com os americanos e italianos. Isso se manifesta, notadamente na Itália, por meio de um sentimento de reconhecimento e gratidão aos nossos “pracinhas”, reverenciados por gerações posteriores à da época da guerra.

Um dos objetivos deste artigo, além de comemorar a participação do país na Segunda Guerra Mundial, é também visitar, revisitar e divulgar os registros sobre

a experiência histórica do Brasil nesse grande conflito e as menções honrosas aos brasileiros que lutaram na Itália e no Atlântico Sul e, mesmo no território nacional, na defesa de nosso litoral.

Cabe destacar o aplaudido desfile de integrantes da FEB em Lisboa, Portugal, em 1945, quando do retorno ao Brasil por escalões, episódio registrado pela Sociedade Portuguesa de Actualidades Cinematográficas no documentário “Desfile em Lisboa do Exército Português e das Forças Expedicionárias Brasileiras”. Naquela ocasião, foi cantado, nas rádios portuguesas e brasileiras, um fado comemorativo – Nossos Irmãos –, de Natália dos Anjos, com a sublime expressão em sua letra – “Os avós desses soldados foram os nossos avós”. Corrobora-se, pois, o posicionamento de Meira Mattos a respeito da nossa formação em suas sementeiras: latinitude, lusitanismo e cristianismo.

Antes de chegar ao Rio de Janeiro, o segundo escalão da FEB desfilou no Recife e homenageou os heróis da Insurreição Pernambucana nos Montes Guararapes, ratificando a importância das raízes do Brasil e sua afinidade com o Ocidente. Na capital do Brasil à época, a cidade do Rio de Janeiro, os escalões da FEB foram recebidos com efusivas manifestações de agradecimento. Em todo o território nacional, existem monumentos comemorativos sobre a atuação do Brasil nesse conflito, sendo o mais expressivo deles o Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, localizado no Rio de Janeiro.

Pode-se concluir que as raízes históricas, culturais e étnicas do Brasil ligadas à cultura ocidental foram fortemente consolidadas por intermédio da participação do país na II GM, oferecendo inequívocas provas da dimensão política e estratégica dessa opção. Evidenciou-se, dessa forma, que o Ocidente era e segue sendo percebido como a comunidade cultural à qual pertence a nação brasileira de forma inquebrantável, ainda que valores alienígenas a essa tradição possam tentar nos dar a conhecer outros paradigmas.

Corrobora com a conclusão anterior o que relatou o coronel de artilharia e estado-maior Luiz Paulo Macedo Carvalho:

O Brasil emergente da ilusória coalizão que derrotou o totalitarismo nazifascista não era mais o mesmo. Ganhou dimensão estratégica e importância geopolítica continental e mundial. Ficou comprovado o valor das ilhas oceânicas e do Saliente Nordestino – cognominado Trampolim da Vitória – para a campanha antissubmarina do Atlântico Sul e para os teatros de operações da China-Burma-Índia e do Mediterrâneo. Eram evidentes as marcantes transformações políticas, econômicas e psicossociais verificadas no pós-guerra. (CARVALHO, 2005)

De igual maneira, assim se expressou Cordell Hull – secretário de Estado dos EUA em suas memórias, no que se refere aos esforços do Brasil à contribuição à vitória aliada.

Sem as bases aéreas, a vitória na Europa e na Ásia não teriam ocorrido tão cedo. Essas bases, projetando-se à distância no Atlântico Sul, permitiram que voassem os nossos aviões, em grande número, para a África Ocidental, e dali para os teatros de operações na Europa e no Extremo Oriente; não fossem as bases brasileiras, não nos teria sido possível ajudar os ingleses no Egito, como fizemos no momento crucial da Batalha de El Alamein (...). Enviou, ainda, o Brasil uma Força Expedicionária à Europa. Contribuiu sua Marinha de Guerra para o patrulhamento do Atlântico. No esforço para abastecer os EUA, o Brasil perdeu parte considerável de sua Marinha Mercante. (CORDELL HULL, 1945)

A **figura 3**, a seguir, apresenta a importância estratégica do Saliente Nordestino para a campanha dos Aliados na Segunda Guerra Mundial.

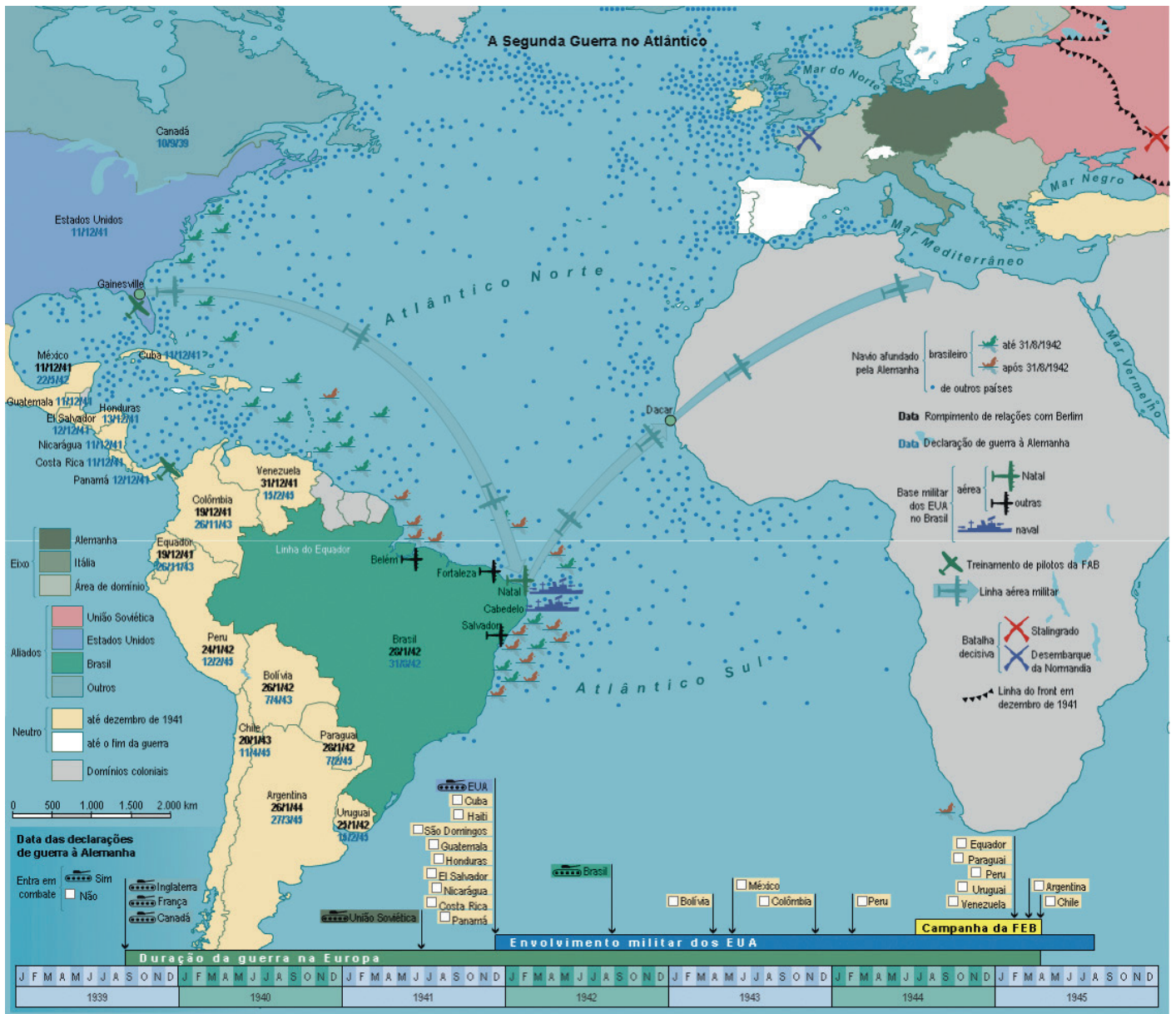



Figura 3 – O Saliente Nordestino
 Fonte: FGV, 2016

Por fim, pode-se inferir, por derradeiro, que os “pracinhas” da FEB, homens e mulheres que lutaram nesse conflito global, representaram bem a sociedade brasileira no concerto das nações aliadas, demonstran-

do a clara opção pelos valores ocidentais. Esses valores vêm se mostrando fundamentais na contribuição para evolução do pensamento e da cultura política e estratégica brasileira. 

Referências

BEAUFRE, André. **Introdução à Estratégia**. Tradução feita por Luiz de Alencar de Araripe. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1988.

BURNS, Edward McNall. **História da civilização ocidental: do homem das cavernas às naves espaciais**. Tradução feita por Donaldson M. Garshagen. 30. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

CARVALHO, Luís Paulo Macedo. **Consequências e Reflexos da participação da FEB na Segunda Guerra Mundial**. Revista Militar, nº 2443/2444 – agosto/setembro, p. 775 – 0, 2005.

CASTRO, Tiago Castro de. **Método de preparação e abordagem de temas e questões discursivas de História, Geografia e Geoestratégia**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2010.

CORDELL HULL. **Texto de suas memórias**, 1945.

CORVISIER, André. **A Guerra: ensaios históricos**. Tradução feita por José Lívio Dantas. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1999.

COUTAU-BÉGARIE, Hervé. **Tratado de estratégia**. Tradução feita por Brigitte Bentolila de Assis Manso et al. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2010.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015.

FERNANDES, Fernando Lourenço. **A estrada para Fornovo: a FEB – Força Expedicionária Brasileira, outros exércitos & outras guerras na Itália, 1944-1945**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2011.

FGV – FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **O Brasil na Campanha da Itália**. Disponível em: <https://atlas.fgv.br/marcos/segunda-guerra-mundial/mapas/o-brasil-na-campanha-da-italia>. Acesso em: 2 ago 2022.

FROTA, Guilherme de Andrea. **500 Anos de História do Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2000.

LIDER, Julian. **Da natureza da guerra**. Tradução feita por Delcy G. Doubrawa. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1987.

LOPES, Roberto. **As garras do tigre**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

MAGALHÃES, João Batista. **A evolução militar do Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001.

MAGNOLI, Demétrio. **História das guerras**. São Paulo: Contexto, 2006.

MAGNOLI, Demétrio. **História da paz: os tratados que desenharam o planeta**. São Paulo: Contexto, 2008.

MASSON, Philippe. **A Segunda Guerra Mundial**. Tradução feita por Ângela M. S. Correia. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MATTOS, Carlos de Meira. **Geopolítica e modernidade: a geopolítica brasileira**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2002.

- MATTOS, Carlos de Meira. **Geopolítica – Volume I**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2011.
- MATTOS, Carlos de Meira. **Geopolítica – Volume II**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2011.
- MATTOS, Carlos de Meira. **Geopolítica – Volume III**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2011.
- MORAES, João Batista Mascarenhas de. **A FEB pelo seu comandante**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2005.
- MAXIMIANO, Cesar Campiani. **A Defesa Nacional**. 2º quadrimestre de 2014. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2014.
- PEREIRA, Carlos Patrício Freitas. **Geopolítica mundial e do Brasil no século XXI: o improvável é possível**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército: 2018.
- PROENÇA JÚNIOR, Domício. **Guia de estudos de estratégia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- RAPOSO FILHO, Amerino. **Dimensões da estratégia: evolução do pensamento estratégico**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1990.

Notas

- ¹ Designação dada a um grupo de oficiais brasileiros que, a partir de 1913, se destacou por seu engajamento no processo de modernização do Exército nacional. A expressão fazia alusão a oficiais turcos que, como os brasileiros, haviam estagiado no Exército alemão e, ao retornarem a seu país, se engajaram em um partido nacionalista e reformista.
- ² Movimento Tenentista foi o nome dado ao movimento político-militar e à série de rebeliões no início da década de 1920, de jovens oficiais de baixa e média patente do Exército Brasileiro descontentes com a situação política do Brasil.
- ³ Foi o programa em que os Estados Unidos da América forneceram, por empréstimo, ao Reino Unido, à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, China, França Livre e outras nações aliadas armas e outros suprimentos, entre 1941 e 1945.